



VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICAS

*Graeme TROUSDALE*¹

*Marcia MACHADO VIEIRA*²

*Maria Maura CEZARIO*³

Este número, sob a organização de três pesquisadores antenados a discussões relativas aos fenômenos de variação e mudança linguísticas e à relação entre estes, reúne análises e discussões de cientistas nacionais e estrangeiros que têm voltado seu olhar para variação construcional e/ou sua relação com a mudança linguística (especialmente, mudança construcional e mudança por construcionalização, nos termos de TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Entendemos que:

All human languages are characterised by inherent synchronic variability (Hudson 1997, 2007a) and are subject to change over time. Consequently, due to this central role of variation and change, any explanatorily adequate cognitive theory of language should aim to account for both of these phenomena. (HOFFMAN; TROUSDALE, 2011: 1)

Há muitas pesquisas que lidam com variação por dissimilaridade decorrente de polissemia ou polifuncionalidade, mas não com variação em decorrência do mecanismo de analogia ou por conta da habilidade para construir equivalências, variantes, que está associada com a delimitação de construções (nos termos da Gramática de Construções, cf. GOLDBERG, 1995; 2006). Este número funciona, então, para promover, a um só tempo: (i) a visibilidade de como pesquisadores no Brasil e fora do Brasil que estão lidando com tal potencialidade de variação na

1 Doctor of Philosophy (PhD), University of Edinburgh, *Variation and (socio)linguistic theory: a case study of Tyneside English*. Professor at The University of Edinburgh. graeme.trausdale@ed.ac.uk.

2 Doutora em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora do Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas. marcia@letras.ufrj.br.

3 Doutora em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora do Programa de Pós-graduação em Linguística. mmcezario@gmail.com



Gramática de Construções baseada no uso vêm enfrentando problemáticas que o tema envolve, bem como (ii) a divulgação dos resultados oriundos de análises empíricas de pesquisadores brasileiros para o tratamento de alternâncias em Gramática de Construções baseada no uso.

Não é à toa que, em evento específico dessa área da literatura linguística (ICCG11, *11th International Conference on Construction Grammar*), a questão da alternância ganha lugar de destaque num dos seus workshops! Também procuramos fomentar esse lugar de destaque nesta oportunidade de publicação. Com este número, cogitamos de contribuir para que possa prosperar a discussão sobre variação/alternância por similaridade em Gramática de Construções iniciada no Brasil apenas recentemente. Entre publicações nessa linha⁴, está a de MACHADO VIEIRA (2016), que propôs, no âmbito de seminários do Grupo de Pesquisa Discurso & Gramática, a necessidade de se conceberem generalizações sobre variação linguística (por relação de associação, similaridade) na Gramática de Construções que se projeta a partir da experiência de uso e, por conseguinte, de se cogitar de uma heurística nesse sentido.

Afinal, são muitas as questões e os caminhos que afloram agora que o olhar passa a perceber e a operar com construções em relação de associação, de similaridade. Entre as questões, estão, por exemplo, estas:

(i) O que conta como alternância ou intercambialidade, tendo em vista a complexidade de atributos envolvidos nas faces forma e função de uma construção?

(ii) Que critérios permitem estabelecer empiricamente a delimitação de variantes linguísticas?

(iii) Como variantes são modeladas teoricamente? Qual é a relação entre essas variantes e os esquemas que as sancionam? Como se configura a relação delas com variáveis/atributos condicionadores e restrições?

(iv) Como se dá, em termos cognitivos, o acionamento de construções com valores de atributos formais e funcionais semelhantes (às vezes, até estatisticamente similares)? O que determina sua frequência de uso?

(v) Qual é a relação entre variantes linguísticas que competem ou convivem e as comunidades linguísticas ou comunidades de prática discursiva em que as variantes são usadas?

⁴ É importante destacar que, até onde se sabe, iniciativas de estudo funcional(-cognitivo) de variação baseado na experiência de uso têm lugar e se concentram no Rio de Janeiro. Daí advém o fato de que, neste número, haja contribuição expressiva de pesquisadores sediados em instituições científicas do Rio de Janeiro.

(vi) Como se configura, em termos de representação no *constructicon*, a relação entre variantes?

(vii) Que tópicos (teóricos, metodológicos e analíticos) carecem de problematização e/ou encaminhamento nessa empreitada de lidar com variação por similaridade em Gramática de Construções baseada no uso?

Diferentes são os caminhos já em projeção para lidar com esse fenômeno. Bybee (*apud* TORRENT, 2012) e Goldberg (a sair) referem-se ao potencial de relação do *knowhow* da perspectiva variacionista ao da perspectiva de modelos funcionais-cognitivos baseados no uso.

Entrevista:

Usage-based models tend to bring together contributions from both Cognitive and Functional Linguistics, Historical Linguistics included. Do you see border conflicts (or alignment issues) in such convergence?

JB:

The relationships with these three areas are different. Usage-based theory is an extension of the approaches developed in Cognitive and Functional Linguistics, as practiced for the last forty or more years, but Historical Linguistics is a much older and very traditional field that has been approached in many different ways in the last century and a half. The theoretical notions relied on in Historical Linguistics often make structuralist assumptions and for researchers trained on these notions, the acceptance of usage-based ideas may be difficult, even if they are revealing. The more recent field of language variation and change is more likely to incorporate usage-based methods and ideas because it is more attuned to the study of language in context and the inherent variability of language. (TORRENT, 2012: p.2)

Constructions add an important dimension to the view of language as a complex adaptive, dynamic system as they provide a) a reason for languages to arise ontogenetically and diachronically, and b) explanations for certain ways in which languages are constrained. The constructionist approach offers researchers interested in syntactic variation a grammatical paradigm that *expects* dynamic, statistical patterns of varying degrees of specificity and abstraction. The framework allows us to capture variation of formal *and* functional properties including those related to how constructions are used in context. Finally, constructionist approaches encourage us to look for regularities across and within languages. At the same time, the variationist perspective offers traditional constructionist researchers tools and encouragement to look beyond an “ideal speaker-hearer” in order to consider actual speakers and hearers in their own communities, which adds immense richness to the data. (GOLDBERG, a sair)

Outros têm procurado na Teoria do Exemplos (BYBEE, 2010) uma solução para acolher a alternância na Gramática de Construções. E ainda há quem trate da questão lançando mão do conceito de degeneração (VAN DE VELDE, 2014), de relações horizontais “degenerativas” no *constructicon*. Reúne-se, aqui, uma amostra desses caminhos.

O número 2 do volume 21 do periódico *Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários* trata do tema “Variação e Mudança em Gramática de Construções” com base num dossiê composto por uma entrevista com o Professor Martin Hilpert (*University of Neuchâtel*) e por 11 artigos que lidam diretamente com essa temática. Soma-se à seção destinada a esses artigos do dossiê temático espaço para três outras contribuições, que acolhe um ensaio que conjuga olhares da história social, semântica e sintaxe da língua, uma resenha de livro e um artigo científico escrito em inglês, que, além de uma contribuição à literatura científica, é também espaço de homenagem à pesquisadora Susan Rothstein (1958-2019; Bar-Ilan University, Israel).

She believed that better theories of language would come from the interaction between theoretical scholars with a crosslinguistic perspective and a large supply of formal techniques (like herself) and scholars who may be less formal but have deep access to wider ranges of subtle linguistic data. Susan put this conviction at work in many ways, advising and collaborating on work in Chinese, Hungarian, Brazilian languages, as well as Hebrew and English. (<https://linguistlist.org/issues/30/30-3134.html>)⁵

Em linhas gerais, reúnem-se aqui óticas de pesquisadores que, em seus textos, materializam discussões, que ocorrem em centros/projetos de investigação nacionais e estrangeiros, no que diz respeito à variação, à mudança ou à relação entre esses fenômenos.

Abrimos o número com a entrevista dada por Martin Hilpert (*University of Neuchâtel*) a Marcos Luiz Wiedemer (Universidade Estadual do Rio de Janeiro), a Marcia Machado Vieira (UFRJ) e a Maria Maura Cezario (UFRJ) sobre várias questões de grande interesse às pesquisas realizadas no campo da Linguística Funcional-Cognitiva, Gramática de Construções e da Sociolinguística. Martin Hilpert reflete sobre temas como representação construcional, variação (por polissemia e similaridade) e mudança linguística. Também aborda questões relativas às contribuições de diferentes áreas da Linguística para o estudo em perspectiva construcionista de fenômenos de variação e de mudança linguística e pontua que o estudo da variação, em abordagens construcionistas, tem avançado bastante.

No seu artigo *Identifying word categories in Mandarin Chinese with constructional approach*, Ziming Lu (Zhejiang University) trata de construções com *ge*, um classificador do mandarim que tipicamente é seguido por substantivos. Na posição pós-verbal, a autora constata que *ge* co-ocorre com elementos prototipicamente não nominais e sua função não é clara. Com base numa abordagem construcional, busca identificar as categorias de palavras dos elementos que seguem *ge* na posição pós-verbal. Dentro de construções específicas, os elementos que seguem *ge* demonstram variação em seu comportamento gramatical.

O tratamento da variação em Gramática de Construções baseada no uso: a propósito das construções clivadas em português brasileiro, de Diego Leite de Oliveira (Universidade

⁵ Trecho em obituário do LINGUIST List 30.3134, editado por Everett Green, em 15 de agosto de 2019.

Federal do Rio de Janeiro), é um artigo que discute em que medida uma proposta de tratamento de aloconstrução (cf. CAPPELLE, 2006, 2009), associada ao modelo de categorização por exemplares (cf. PIERREHUMBERT 2001, BYBEE 2010, 2013), pode contribuir para a identificação do lugar da variação na representação do conhecimento linguístico na forma de uma rede de construções. Para isso, o autor toma como base para discussão o estudo da alternância no uso dos padrões de clivagem do tipo SER X QUE Y, X SER QUE Y e X QUE Y, a partir de instâncias reais de uso da língua e em diálogo com pesquisas anteriores de Braga (2009), Braga et al. (2013) e Vieira et al. (2015).

Eneile Santos Saraiva (Mestre pela Universidade Federal do Rio de Janeiro), com seu artigo intitulado *Variação em usos de construções com predicador verbal_{TD} + clítico SE: impessoalização e indeterminação em textos científicos e jornalísticos do português brasileiro*, analisa o fenômeno da variação de construções com [Predicador Verbal_{TD/TER} + clítico SE] em textos escritos do português brasileiro. Segundo a autora, certos padrões viabilizam a conceptualização impessoal da predicação verbal no português. Especificamente, no artigo, a autora descreve dados de [Predicador_{TD} + SE + elemento não-verbal + (participante 1)] e [Predicador_{TER} + SE + elemento não-verbal + (participante 1)]. Realiza uma análise da variação construcional centrada em tratamento estatístico da relação entre variáveis discursivo-pragmáticas influenciadoras e dados oriundos desses padrões, com o intuito de colaborar para que se consolide a proposta de inserção de generalizações sobre variação na Gramática de Construções. Para tanto, concebe variação com base na compatibilização entre pressupostos de Gramática de Construções e de Sociolinguística, ou seja, num olhar socioconstrucionista (MACHADO VIEIRA, 2017; WIEDEMER; MACHADO VIEIRA, 2018).

No artigo *A construção transitiva prototípica e a construção transitiva causativa no português: um caso de variação construcional?*, Monclar Guimarães Lopes (Universidade Federal Fluminense) discute a existência de relação de variação construcional entre a estrutura transitiva prototípica [X_{agente} VERBO Y_{afetado}] e a estrutura transitiva causativa [X_{agente} VERBO.COM Y_{afetado}], duas construções de estrutura argumental que compartilham propriedades no polo semântico, mas são diferentes no polo da forma. Trabalha, sobretudo, com o modelo de *aloconstruções* (CAPPELLE, 2006; PEREK, 2015), que busca descrever e representar as relações de variação na rede construcional. Adota uma metodologia quali-quantitativa, no intuito de obter possíveis generalizações quanto à descrição das propriedades da forma e do significado dessas construções. Os resultados demonstram que, embora as duas estruturas não sejam totalmente equivalentes e nem sempre intercambiáveis, existe entre elas uma relação de variação construcional, já que há contextos de uso em que ambas são passíveis de serem recrutadas para expressar um mesmo valor de verdade.

Sueli Maria Coelho (Universidade Federal de Minas Gerais) e Silmara Eliza de Paula

Silva (Mestre pela Universidade Federal de Minas Gerais), no artigo *Um estudo da variação linguística no liame preposicional em construções [V_{DAR} + PREPOSIÇÃO + V_{INFINITIVO}] no português do Brasil*, analisam dados com o verbo DAR em acervo de textos produzidos do século XVIII ao século XIX, com a meta de identificar suas principais funções linguísticas, assim como explorar possíveis contextos de variação entre elas. Para alcançar esses objetivos, adotam o da modelo da Gramática de Construções e uma metodologia de interface entre a gramaticalização de construções e a variação da Sociolinguística Laboviana (NEVALAINEN; PALANDER, 2012; POPLACK 2012). Seus resultados revelam que há quatro tipos de construções com o verbo DAR.

Manuela Correa Oliveira (Doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro), autora do artigo *Processos mentais e materiais: mudança construcional em phrasal verbs com a partícula out*, investiga o desenvolvimento de *phrasal verbs* transitivos quanto à posição da partícula *out*, ora contínua a – *throw out the trash* (jogar fora o lixo) – ora descontínua – *throw the trash out* (jogar o lixo fora). Procura evidenciar, a partir de dados de escrita, que as duas construções, além de distintas, são licenciadas por um esquema de maior abstração, qual seja: *phrasal verbs* transitivos. Argumenta que tal distinção pode ser constatada mediante a análise diacrônica do item lexical que ocupa a posição V e dos processos cognitivos decorrentes dos enunciados. Parte da perspectiva de Modelos Baseados no Uso e, mais especificamente, dos pressupostos da Gramática de Construções. Os resultados obtidos, com base em amostra coletada do período do século XVII ao XX, evidenciam a alta frequência *token* da construção contínua e sua expressiva produtividade. Também demonstram que houve um processo de mudança construcional, de processos materiais em direção a processos mentais, uma tendência perceptível tanto para [V out SN] quanto para [V SN out]. Os resultados mostram trajetórias distintas para [V out SN] e [V SN out], revelando a necessidade de considerá-las dois pareamentos de forma e significado.

Maria da Conceição Paiva (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e Allan Costa Stein (Mestre pela Universidade Federal do Espírito Santo), no artigo *Trajectoria da construção [SN LEVAR JEITO SPrep]*, focalizam, a partir da perspectiva da Gramática de Construções Baseada no Uso, a formação e expansão do esquema construcional [SN LEVAR JEITO SPrep], em que o sintagma preposicional pode ser encabeçado pelas preposições *de*, *para* e *com*, no português contemporâneo. Partem da hipótese de que o esquema mais abstrato [SN LEVAR JEITO SPrep] se relaciona por um elo de instância com a construção de verbo-suporte com *levar* e, num nível mais alto, à Construção de Movimento Causado. A análise leva-os a evidências para a postulação de cinco microconstruções relacionadas entre si pelo valor modal/avaliativo que veiculam. Tais construções distinguem-se tanto no alvo da modalização (no SN-Sujeito ou no complemento da preposição) quanto no tipo de modalidade que realizam (possibilidade ou capacidade). Nesse texto, os autores também se voltam para o mapeamento de dissimilaridade.

No artigo *As microconstruções de verbo-suporte com “deixar” no português brasileiro*, José Roberto Prezotto Júnior (Graduado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho) e Edson Rosa Francisco de Souza (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho) investigam três microconstruções de verbo-suporte do português brasileiro, instanciadas pelo verbo “deixar”, como [deixar claro], [deixar marcas] e [deixar sombra de dúvida], à luz dos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (BYBEE, 2016; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Defendem a hipótese de que tais microconstruções emergem na língua por meio do processo de analogização ao esquema construcional [SUJ + V_{TR} + OBJ] já consolidado e produtivo no português. Essas microconstruções de verbo-suporte herdaram propriedades desse esquema, preservando, em sua base, a relação de transitividade, ou seja, a uma estrutura verbal que estabelece relação entre termos argumentais (argumento sujeito e argumento objeto).

No artigo, *Diferenças semânticas de microconstruções quantificadores: o caso de SN1 de SN2*, Karen Sampaio Braga Alonso (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e Nuciene Caroline Amphilóphio Fumaux (Mestre pela Universidade Federal do Rio de Janeiro) apresentam um estudo sobre construções binominais quantitativas do tipo *um(a) N de SN* no português brasileiro sob a ótica da Linguística Centrada no Uso, com o intuito de descrever o modo como ocorre a distribuição dessas construções no uso da língua. Comparam quatro microconstruções quantitativas – *um monte de SN*, *uma montanha de SN*, *uma enxurrada de SN* e *uma chuva de SN* – em relação às quais foi realizada uma análise colexêmica (GRIES; STEFANOWITSCH, 2004). Os resultados revelam que as referidas microconstruções, que se assemelham funcionalmente, possuem preferências colocacionais próprias, as quais foram associadas à maior ou menor coerência semântica com o respectivo nome quantificador.

Mariangela Rios de Oliveira (Universidade Federal Fluminense) e Vanessa Barbosa de Paula (Mestre pela Universidade Federal Fluminense), no artigo intitulado *A construção intensificadora de grau [p(a)ra lá X_{adj}] – trajetória, paradigmáticação e degeneração*, descrevem, em termos de gradualidade e gradiência, a construção intensificadora de grau **[p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig}**. Observam, na trajetória do português, neoanálises que, sob forma de micropassos de mudança linguística, fizeram emergir e se rotinizar essa nova construção no português brasileiro contemporâneo. Para tanto, mapeiam contextos de uso, nos termos de Diewald (2002, 2006), que motivaram a vinculação de sentido e forma das subpartes envolvidas, até a convencionalização simbólica de um novo membro da gramática do português, de uma construcionalização gramatical. Uma vez convencionalizada na língua, **[p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig}** passa a integrar o *constructicon*, como novo constituinte do paradigma das expressões de grau intensificador, na última etapa do *cline* contextual proposto por Diewald; Smirnova (2012). Nessa inserção, **[p(a)ra lá de X_{adj}]_{ig}** situa-se em posição marginal na classe dos intensificadores de grau, passando a competir pela instanciação no uso linguístico com outras construções de

função correspondente, como [muito X_{adj}] e [X_{adj} demais], entre outras.

O último artigo do dossiê temático sobre variação e mudança na Gramática de Construções é *O padrão [[X]_N DE TAUBATÉ]_N no português brasileiro: um estudo sobre compostos sintagmáticos em perspectiva construcional*, de Natival Almeida Simões Neto (Mestre pela Universidade Federal da Bahia). Nele, o autor analisa os aspectos construcionais e cognitivos envolvidos no padrão esquemático [[X]_N de Taubaté]_N, com base na Morfologia Construcional, segundo o proposto por Booij (2010, 2017), Gonçalves (2016) e Soledade (2018), e na abordagem construcionista da mudança, nos termos de Traugott; Trousdale (2013). Os exemplos oriundos de textos em redes sociais da internet revelam que o padrão [[X]_N de Taubaté]_N instancia realizações como *hetero de Taubaté*, *crente de Taubaté*, *LGBT de Taubaté* e *facada de Taubaté*, que designam normalmente algo ‘falso, fajuto’ e estão associados ao episódio da *falsa grávida de Taubaté*. O autor advoga que esse padrão pode ser comparado a outros similares, vistos na história do português brasileiro, como [[X]_N do Paraguai]_N e [[X]_N de Itu]_N. Sua hipótese é a de que todos esses esquemas advêm de um padrão mais geral [[X]_N de [Y]_N]_{SN}, que, inicialmente, corresponde a relações de origem ou [[X]_N de [Y]_N]_{SN} localização, e se especializa a partir do momento em que eventos culturais marcantes têm repercussão social.

Além desses artigos deste número temático, o leitor desfrutará de três outras contribuições à literatura linguística.

A primeira delas materializa-se no ensaio de Edilberto Vinícius Brito Nascimento (Mestre pela Universidade Estadual de Campinas), intitulado *‘Esquina’ na imprensa luso-brasileira em análise diacrônica*, em que o autor trata de como a imprensa luso-brasileira dizia ‘esquina’ no século XIX, com base na conjugação de olhares da história social da língua e da semântica e sintaxe e por meio de uma lente “histórico-diacrônica”. Descreve linguisticamente construções como ‘esquina que volta para’ nos jornais dos oitocentos; mapeia paráfrases possíveis para a expressão naquela época com o intuito de produzir uma análise (contra)direcional para ‘esquina que volta para’; e analisa diacronicamente essa e outras construções nos jornais dos séculos XIX, XX e XXI. Destaca que as expressões com ‘esquina que volta para’ estão nucleadas por verbos de movimento, que implicam argumentos de meta, coincidentes com SPs. As paráfrases para a locativa refutam, porém, significados contradirecionais para a expressão. A pesquisa diacrônica, por outro lado, mostra que o uso de ‘esquina que volta/vai/sai/vira para/na’ é menos corrente nas últimas décadas, apesar de os jornais continuarem usando ‘esquina’ em outras construções linguísticas, tendo o vocábulo sofrido processo de gramaticalização para advérbio, sucedido normalmente pela preposição ‘com’ ou ‘de’.

A segunda contribuição encontra-se no artigo assinado por Roberlei Bertucci (Universidade Federal de Tecnologia do Paraná) e Susan Rothstein (Bar-Ilan University), cujo título é *Stative*

predicates in the progressive in Brazilian Portuguese. Nele, são mapeados contextos em que o aspecto progressivo é possível com predicados estativos em português brasileiro. Na literatura, particularmente em inglês, esse é um fato inesperado, já que o aspecto progressivo está associado apenas a eventos compostos por estágios (predicados eventivos). Estados, porém, são segmentalmente homogêneos: não têm estágios; são verdadeiros em instantes mínimos (propriedade de subintervalo). Os autores argumentam que o progressivo nesse contexto pode ser aceito se uma estrutura de estágio for gramaticalmente licenciada para os eventos denotados pelos predicados estativos. Encontram, ainda, similaridades entre as restrições do progressivo em português brasileiro e os habituais no progressivo em inglês. Então, propõem que a diferença de aceitabilidade entre predicados estativos no progressivo em português brasileiro (*estar amando*) e em inglês (*is loving*) relacione-se a restrições gramaticais na composição de uma estrutura de estágio entre essas línguas. Com isso, os autores lidam, em alguma medida, com similaridade e dissimilaridade.

Por fim, na resenha do livro *Hermann Paul's 'Principles of Language History' Revisited: Translations and Reflections* (AUER; MURRAY, 2015), William Alfred Pickering (Doutor pela Universidade Estadual de Campinas) expõe seu olhar crítico sobre a obra com base em tópicos nela tratados, tais como: princípios teóricos gerais de Hermann Paul, representações mentais, analogia, mudança fonética, bem como o conceito de gramática emergente. O autor destaca que os autores desse livro conseguiram, por meio de argumentação convincente, evidenciar que a obra de Hermann Paul é relevante para a Linguística do século XXI, para discussões contemporâneas no âmbito da Linguística baseada no uso.

Finalizada a exposição de nossa meta com a proposição da temática deste número, bem como a apresentação deste, resta-nos convidar o leitor a enveredar pela territorialidade da variação e mudança linguísticas aqui ilustrada.

Referências

AUER, P.; MURRAY, R.W. (eds.). *Hermann Paul's 'Principles of Language History' Revisited: Translations and Reflections*. Berlin/Boston: Walter de Gruyter, 2015.

BRAGA, M. L. Construções clivadas no português do Brasil sob uma abordagem funcionalista. *Matraga*. V.16, p. 173-196, 2009.

BRAGA, M. L.; LEITE DE OLIVEIRA, D. BARBOSA, E. M. Gradiência e variação nas construções de foco no português brasileiro. *Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Língua em uso* 47, p. 29-43, 2013.

BOOIJ, G. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

BOOIJ, G. Inheritance and motivation in Construction Morphology. In GISBORNE, N.; HIPPISEY, A. (ed). *Defaults in morphological theory*. Oxford: Oxford University Press, 2017, p. 18-39.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: University Press, 2010.

BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha. Rev. téc. Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.

CAPPELLE, B. Particle placement and the case for ‘allostructions’. In SCHÖNEFELD, D. (ed.) *Constructions All Over: Case Studies and Theoretical Implications*, Special volume of *Constructions* SV1-7/2006, 2006.

CAPPELLE, B. Can we factor out free choice? In: DUFTER, A.; FLEISCHER, J.; SEILER, G. (eds.) *Describing and Modeling Variation in Grammar*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2009, p. 183-199.

DIEWALD, G. A model of relevant types of contexts in grammaticalization. In: WISCHER, I; DIEWALD, G (eds). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2002, p. 103-120.

DIEWALD, G. Context types in grammaticalization as constructions. *Constructions*, Düsseldorf. Disponível em: www.constructions-online.de:0009-4-6860, 2006.

DIEWALD, G; SMIRNOVA, E. “Paradigmatic integration”: the fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. In: DAVIDSE, K. at al (eds). *Grammaticalization and language change – new reflections*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2012, p. 111-131.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. E. Constructions and Variation. Revision for News Ways of Analyzing Variation. S. A. Grondelaers (ed.), a sair. 22 fl.

GONÇALVES, C. A. V. *Morfologia Construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016.

GRIES, S.; STEFANOWITSCH, A. Extending collostructional analysis. A corpus-based perspective on ‘alternations’. *International Journal of Corpus Linguistics* 9:1, 2004, p. 97-129.

HOFFMAN, T.; TROUSDALE, G. Variation, change and constructions in English. *Cognitive Linguistics*, 22, 1-23, 2011.

MACHADO VIEIRA, M. S. Variação e mudança na descrição construcional: complexos verbo-nominais. *Revista Lingüística* Volume Especial, p. 152-170, 2016.

MACHADO VIEIRA, M. S. Expressões impessoais no discurso acadêmico brasileiro. In.: *Revista Digital* do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, 2017, p. 82-95.

NEVALAINEN, T.; PALANDER-COLLIN, M. *Grammaticalization and sociolinguistics*. In: NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 1-8, *Online*.

PEREK, F. *Argument Structure in Usage-Based Construction Grammar: Experimental and corpus-based perspectives*. Amsterdam: John Benjamins, 2015.

PIERREHUMBERT, J. Exemplar dynamics: Word frequency, lenition and contrast. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (eds.), *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001, p. 137-158.

POPLACK, S. Grammaticalization and linguistic variation. In: HEYNE, B.; NARROG, H. (eds.) *The Oxford handbook of grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 209-224.

SOLEDADE, J. Por uma abordagem cognitiva da morfologia: revisando a morfologia construcional. In: ALMEIDA, A. A. D.; SANTANA, E. S. (orgs.). *Linguística Cognitiva: redes de conhecimento d'aquém e d'além* mar Salvador: Edufba, 2018, p. 345-378.

TORRENT, T. T. Usage-based models in linguistics: an interview with Joan Bybee. *Revista Lingüística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 8, número 1, junho de 2012. ISSN1808-835X 1. [<http://www.lettras.ufjf.br/poslinguistica/revistalinguistica>].

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VAN DE VELDE, F. Degeneracy: the maintenance of constructional networks. In: BOOGAART, R.; COLLEMAN, T.; RUTTEN, G. (eds.). *Constructions all the way everywhere: the extending scope of construction grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2014, p. 141-179.

VIEIRA, A. F. C.; LEITE DE OLIVEIRA; D. HORA, K. F. P. N. A.; OLIVEIRA, S. S.; MASSON, S. P. Complexidade Cognitiva em Construções de Foco do PB – um experimento de priming. *ReVEL, edição especial* n. 10, p.265-281, 2015.

WIEDEMER, M. L.; MACHADO VIEIRA, M. S. Sociolinguística e Gramática de Construções: o envelope da variação. In: FRANCESCHINI, L. T.; LOREGIAN-PENKAL, L. (orgs.). *Sociolinguística: estudos de variação, mudança e atitudes linguísticas*, 2018, p. 41-77.